

“Menino amarelo, comedor de broa”: Modernismo e construção da identidade regional em Fortaleza (1927 – 1931)

THIAGO DA SILVA NOBRE *

Segundo Durval Muniz (2008), a região Nordeste do Brasil surgiu como uma “paisagem imaginária” no final da primeira década do século XX, substituindo a antiga divisão regional binária Norte/Sul. Tal recorte foi fundado em dois sentimentos: a saudade e a tradição. O Nordeste não pode ser entendido como um fato inerte, delimitação espacial naturalizada, recorte geográfico imutável e indelével, pois não existiu desde sempre (e nem sempre existirá), foi construído no tempo e no espaço. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente através de discursos, práticas, textos e imagens. Para que a unidade significativa intitulada Nordeste criasse existência foi necessário que várias práticas e discursos “nordestinizadores” fossem postos dispersamente em cena, para em seguida serem agrupados em uma unidade coerente. A afirmação, recorrente, que naturaliza o Nordeste e coloca a sua origem de forma linear e pacífica nega o seu caráter inventivo e reinventivo. Nega-o, também, como objeto político-cultural, cristalizando-o como natural, em que a ação humana é extirpada totalmente.

O Nordeste teria surgido como uma reação das elites, geralmente ligadas ao açúcar e ao algodão, e dos intelectuais ligados a eles contra a perda gradativa de espaços econômicos e políticos em âmbito nacional e regional. Uniram-se forças em torno de um novo recorte do espaço nacional, surgido, sobremaneira, com as grandes obras contra as secas. Novas fronteiras foram erguidas para que servissem de defesa para a dominação ameaçada. Sendo assim, foi levado a cabo um vultoso levantamento acerca da natureza, da história (social e econômica), da memória social, da cultura e das artes, para servir de base e de alicerce para a invenção (imagético-discursiva) da região Nordeste.

A cidade de Fortaleza, juntamente com outras cidades do Brasil, estava inserida em um contexto particular. Esboçado a partir do final do século XIX e prosseguindo

* Mestrando no Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará

pelas primeiras décadas do século XX, qual seja a abolição da escravatura, a implantação do trabalho assalariado, a instauração do regime republicano, no século XIX. No século XX, pode-se mencionar a crise oligárquica, a modernização dos equipamentos urbanos e a dinamização das trocas comerciais “[...]desencadeados pela emergência de novas forças e valores sociais e das injunções demandas pelo capitalismo que então se mundializava[...]”(PONTE, 2010:17).

Desse modo, a cidade de Fortaleza foi se inserido no ritmo frenético do capitalismo mundial, vindo à ordem do dia questões como saneamento, higiene, urbanidade, controle social e civilização¹. A cidade de Fortaleza se consolidou como polo político e econômico do Ceará, onde passou a ser o lócus irradiador para as outras cidades cearenses desses valores caros à mundialização capitalista. A vida ficou mais veloz e o mundo se estreitou. O fluxo de mercadorias, ideias e pessoas se intensificou. Os sujeitos sociais, e também os agentes letrados, não passaram imunes a essas mudanças na tessitura cotidiana e ao processo civilizador² instaurado, experienciaram e sentiram de maneiras diversas as novas relações surgidas. Os letrados e os intelectuais escreveram e produziram acerca do que vivenciaram, concordaram ou não com o peso incomensurável das mudanças históricas, sustentaram debates intelectuais fervorosos sobre os caminhos a serem seguidos pela sociedade, propagandearam ideias e defenderam estéticas.

¹ A partir do debate de Norbert Elias (1994), sabe-se que o conceito de civilização não significa o mesmo nas diferentes nações ocidentais. Para britânicos e franceses o termo demonstra o seu orgulho em relação à importância de suas nações para o progresso do ocidente. Pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais. Descreve um processo ou o seu resultado, é algo que está sempre em movimento. Em certa medida, o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais e enfatiza o que é comum entre os indivíduos, ou, supostamente, deveria ser. Em suma, é a manifesta autoconfiança de povos cujas fronteiras e a identidade nacional foram estabelecidas e consolidadas há tempos, podendo, assim, expandir sua influência. Em contrapartida, para os alemães o mesmo conceito (Zivilisation) significa algo útil, mas com importância menor, compreendendo aparência externa do seres humanos, a superfície da existência. A palavra que expressa o orgulho alemão em seus feitos e em seu ser, é Kultur. Ele alude a fatos intelectuais, artísticos e religiosos de um lado, separando para outro lado os fatos políticos, econômicos e sociais. Kultur dá ensejo às diferenças nacionais e à identidade particular dos grupos. Em suma, reflete a situação de um povo que consolidou os seus limites nacionais e a sua unificação política tardiamente, e que sempre teve que constituir incessantemente a sua identidade política e cultural.

² Segundo Norbert Elias (1994), o comportamento e vida afetiva dos ocidentais mudou gradualmente após a Idade Média e a criação dos Estados nacionais. Mudança que segue em uma direção específica, rumo à “civilização”. O processo civilizador propõe uma mudança peculiar aos sentimentos de vergonha e de delicadeza, muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe, move as perspectivas do desagradável, do que é socialmente aceito.

Antes de chegar ao nosso objeto, que é o Modernismo na cidade de Fortaleza, vale a pena debater acerca do e como intelectuais de áreas diversas do conhecimento o definem. Então, que foi o Modernismo³?

Geralmente, quando se faz referência sobre, associa-se de imediato aos movimentos artísticos que percorreram o final do século XIX e o século XX, dos quais muitas concepções filosóficas, políticas e estéticas estavam em jogo e em que vários grupos artísticos (expressistas, cubistas, futuristas, simbolistas, dadaístas, surrealistas) fizeram parte (VELLOSO, 2010).

Peter Gay (2009) e Raymond Williams (2011) concordam que o Modernismo foi um fenômeno eminentemente urbano, advindo das novas relações capitalistas nas demasiadas aglomerações humanas das grandes cidades. Para Peter Gay, o Modernismo se formou a partir da prosperidade social nos Estados em fase de industrialização e urbanização. O sistema fabril, surgido na Inglaterra, e posteriormente expandido pelo mundo, foi o pré-requisito indispensável para a produção e consumo de massa dos bens de consumo, entre eles as belas-artes. A estrada de ferro, bem como tantas outras novas tecnologias, transformaram definitivamente os padrões populacionais e as oportunidades comerciais. Novos mecanismos financeiros e vastos impérios bancários forneceram o capital para formação de um mercado de riqueza inédita.

Já para Williams, complementando a assertiva acima, o Modernismo se constituiu como o local novo e específico dos artistas e dos intelectuais desse movimento dentro do ambiente cultural em transformação da metrópole. Na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, a metrópole se moveu rumo a uma dimensão cultural diversificada. Ela era agora muito mais do que a cidade imensa,

³ Cabe aqui uma crítica ao paradigma de 1922, no qual a hegemonia discursiva construída sobre a Semana de Arte Moderna, como o marco do surgimento do Modernismo no Brasil, que passa a ser taxado de pré-moderno tudo o que tivesse acontecido antes da efeméride. O próprio conceito de “Modernismo” no singular é problemático. A experiência modernista brasileira foi muito mais vasta e diversa, acionando uma rede variada de trocas sociais, sendo mais interessante utilizar o termo “Modernismos” para ressaltar a pluralidade e riqueza do movimento. Ou seja, o Modernismo cearense foi um dentre vários outros que existiram. O Modernismo não se limitou ao eixo Rio - São Paulo, pois ele espraiou-se por vários estados do Brasil, propiciando a criação de grupos, movimentos, manifestos, periódicos e revistas, além de fortalecer também a difusão de certas ideias e práticas sociais (VELLOSO, 2010).

ou mesmo, muito mais do que a capital de uma nação importante. Ela era o lugar no qual novas relações sociais, econômicas e culturais começavam a ser formadas.

O uso sistemático do termo moderno remonta ao século XVI, à época do Renascimento, quando irrompeu um intenso debate intelectual sobre a contraposição antigo/moderno. Porém, desde o século V, existiram contrastes de concepções de mundo, delineando as tensões entre passado e presente (Rodrigues, 2000). É entre o final do século XVIII e começo do XIX que surge o conceito de “Modernidade” (*Modernité*), entendido como um período totalmente novo e sem precedentes. Para Jacques Le Goff (1984), o termo foi uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial, em que partir do século XX se vulgariza no Ocidente, sendo introduzido em outros lugares, sobremaneira nos países do Terceiro Mundo, aonde foi privilegiado a ideia de “modernização”. Já para Marshall Berman (1987), a modernidade é um tipo de experiência vital, uma experiência de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das potencialidades e possibilidades compartilhadas por mulheres e homens ao redor do mundo.

No Brasil, segundo Antonio Candido (2000), o movimento Modernista foi um brado de independência cultural e de valorização identitária, apesar de ter em sua origem a influência das vanguardas européias, buscou a sua própria identidade, temas, formas, entendimentos de mundo, modos de escrever e de falar. O Modernismo brasileiro foi muito importante em sua fase heróica, pois trouxe à tona vários assuntos recalcados ou eufemizados através da idealização, como, por exemplo, a grande mestiçagem do povo brasileiro e a forte herança cultural indígena e africana. É o fim do diálogo de inferioridade perante Portugal. O que era idealizado para esconder as contradições ou era interpretado como desvantagem e deficiência, transmutou-se em superioridade e peculiaridade do nosso povo.

Em 1928, foi criado por Demócrito Rocha⁴ o periódico *O Povo*, que juntamente com outros colaboradores empreendeu um vultoso propagandeamento do Modernismo no Ceará. Principalmente nos anos de 1928 e 1929, período em que os conflitos

⁴ Nasceu na Bahia, mas foi aos 25 anos para Fortaleza. Foi telegrafista e depois se formou na Faculdade de Farmácia e Odontologia, tornando-se dentista. Fundou vários periódicos, como, por exemplo, *Ceará Ilustrado*, *Gazeta de Notícias* e *O Povo*.

estéticos se tornaram aguerridos. Demócrito Rocha teve papel de liderança na época, agregando os intelectuais ao redor do jornal *O Povo* e da folha modernista *Maracajá*.

Com o aparecimento do <<O Canto Novo da Raça>>, parece que um sangue mais vivo se infiltrou em as veias literárias da terra cearense, sacudindo-as do torpor em que amodorravam. O opusculo dos jovens poetas conterraneos teve, destarte, - se mais não conseguiu - o merito de despertar mentalidades adormecidas e incitálas a contemplar, de frente, os horizontes vermelhos de um novo movimento literário. Porque, não há negá-lo, nossa capital vivia de ha muito um ambiente abafado, uma atmosphaera doentia, anquilosada, em materia de letras. Agora, não.[...] nota-se que uma ondulação mais franca vibra, e palpita, e pulsa entre <<os três mil intellectuaes de Fortaleza>>.[...] foi, um brado de alerta. Produziu, para empregar a expressão vulgar, o effeito de uma pedrada em casa de maribondos. (Jornal *O Povo*, nº 26, 7 de fevereiro de 1928)

No Ceará, o Modernismo foi eminentemente de feitio telúrico, com muitos índios, cocares, pajés, canibalismo, caboclos, sertão, chuva, seca, açudes, congos e xérens. No segundo número de *Maracajá*, Demócrito Rocha explica em tom de pilhéria a diferença dos modernistas daqui e de São Paulo: “Elles mettem excessiva erudição no que fazem. E bancam sisudez. Nós somos alegres por índole. Em São Paulo, os rapazes para fazer a sua antropofagia precisam dar o laço à gravata. [...]Aqui não. Nós rimos de tudo” (ROCHA, 1929:1). E Rachel de Queiroz⁵ reitera que os intelectuais daqui estavam “convencidos de que fazer modernismo era escrever regionalismo, com grande gasto de índios, antas, cocares e mais brasilidades, em frases de três palavras” (QUEIROZ, 1968:18).

Como já mencionado anteriormente, a primeira publicação modernista do Ceará saiu ao prelo em 1927. Livreto mais vertical do que horizontal, possuindo uma dedicatória na capa a Ronald de Carvalho⁶, sem numeração nas suas quarenta páginas e encerrando dezoito poemas de quatro escritores estreantes (Jáder de Carvalho, Sidney Netto, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento). O livro começa com um poema de Jáder de Carvalho, nomeado de “Poema da Raça”, em que na primeira estrofe já se vê uma alusão direta ao poeta Walt Whitman. De onde se pode afirmar acerca da coincidência, e, porque não dizer, da proposital referência a Ronald de Carvalho e, logo em seguida, a Walt Whitman⁷.

⁵ Inicialmente participou do grupo, mas logo foi morar fora do Ceará.

⁶ Poeta carioca e modernista que publicara, em 1926, o livro *Toda a América*.

⁷ Poeta norte-americano, nascido na cidade de Huntington em 1819. Grande expoente do verso-livre.

Segundo Wilson Martins, Ronald de Carvalho encontrou em Whitman o grande mestre da poesia telúrica e do verso livre, por isso ele também quis cantar a América. Mas a verdade é que, quando Whitman cantava a América, cantava o seu próprio país. Ronald de Carvalho, em contrapartida, quando cantava a América, cantava o Brasil. (MARTINS, 1969).

Eu falo, no Continente brasileiro,	desafiando,
a linguagem profética de Walt Whitman!	ao som de cordas nostálgicas:
Meu povo	bárbaro,
vive, comigo, a inquietude contemporânea:	amoroso,
- Batalhando, em toda a extensão das coxilhas,	insofrido,
no pampa luminoso, infinito e marcial!	capaz de todas as audácias,
- Estuando, dinamizado, à sombra dos arranha-céus,	capaz de todas as bravuras:
Em São Paulo!	No sertão árido e nu dos cantadores
- Vibrando	e dos cangaceiros!
versejando,	No Acre-exílio das violas do Ceará!

(CARVALHO, 2011: 33-34)

Jáder de Carvalho encontrou também o continente (sul americano) e o seu país, ao seu modo. O autor secciona o Brasil em quatro eixos principais: extremo Sul, Sudeste, Nordeste e extremo Norte. Identificando os lugares através de suas características regionais, vai traçando o perfil geral do continente brasileiro. Primeiro se refere ao extremo sul, aludindo à paisagem corriqueira de lá, com as suas coxilhas⁸ e com seu o pampa⁹. Logo em seguida, fala de São Paulo e dos seus arranha-céus, símbolos de modernidade e cosmopolitismo. Depois passa ao sertão dos cantadores e dos cangaceiros, referindo-se ao Nordeste. Sertão este, geralmente, identificado com tipos sociais em extinção (cantadores e cangaceiros) e, também, com a falta, com a precariedade, com a necessidade (árido e nu). Promovendo a construção discursiva de um “Nordeste” enquanto recorte geográfico, temporal, cultural e social¹⁰. Por fim,

⁸ Campina com pequenas e contínuas elevações arredondadas, típica da planície gaúcha.

⁹ Grande planície coberta de vegetação rasteira, na região meridional da América do Sul.

¹⁰ Para aprofundar o debate consultar ALBUQUERQUE, Durval Muniz Jr. **Nos Destinos de Fronteiras: História, Espaços e Identidade Regional**. Recife: Bagaço, 2008.

menciona o Acre, local depositário do emigrante cearense fugido da seca e da carestia, indo trabalhar na extração do látex da seringueira.

Para além da caracterização espaço-regional, o escritor assinala as peculiaridades gerais que, a seu ver, possuiriam o povo brasileiro: bárbaro, amoroso, insofrido, capaz de todas as audácias e de todas as bravuras. Segundo Walnice Nogueira (2000), os debates acerca da “questão racial” no Brasil ferveram na passagem do século XIX para o século XX. Dentre os vários estudos devotados ao assunto produzidos à época, vale ressaltar, inicialmente, o de Silvo Romero (1888). Para ele a sociedade brasileira foi o resultado da junção de três raças diferentes que partilhavam, cada um a sua maneira, de um mesmo sentimento, a saudade. Os portugueses e os africanos, por terem sido expatriados, bem como os índios, por terem sido expulsos da terra em que viviam. Em seguida Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*, desenvolveu a interpretação romeriana em outro viés, incumbindo agora parar as três raças a comunhão da tristeza e não a da saudade. Sendo assim, os brasileiros seriam o resultado de três raças tristes. Mário de Andrade com *Macunaíma* e Oswald de Andrade com o *Manifesto Antropófago* extrapolaram e extravasaram a interpretação de Paulo Prado, propondo outras perspectivas e abrindo horizontes discursivos de possibilidades.

Cheiroso inferno dos violeiros!

Rainha, outrora, nos batuques, no xérem!

Atordoante,

selvagem,

morena flor dos sambas dos sertanejos,

ó cabocla, tu és, no teu reinado extinto,

a fecunda promessa da raça!

O homem novo do Norte,

Contemporâneo

dos grandes lagos artificiais,

nascera de ti, cabocla![...]

Teu seio

Mas para o campo,

Para a terra fecunda e jovem,

onde rebenta o ouro lindo das Espigas...

Diante de si, símbolo de Fecundidade!

Eu me prostro e me ajoelho adorando o teu ventre.

O teu ventre! Ele vai redimir a minha raça infeliz,

a minha triste raça nômade.

Bem-vindo seja o teu filho:

Ele trará nas veias, outro sangue mais frio...

Detendo os rios nos seus cursos,

num amplexo de argamassa e pedra unirá as montanhas!

Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de Fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ANGEL, Rama. **A Cidade Letrada**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

_____. “O Advento do Modernismo no Ceará”. In: FIÚZA, Regina Pamplona (ORG.). **Modernismo: 80 anos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002.

_____. **O Modernismo na Poesia Cearense: primeiros tempos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

BARROSO, José Parsival. **Uma História da Política do Ceará 1889-1954**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar – A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

VASCONCELOS, Gerardo. MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano (ORG). **Linguagens da História**. Fortaleza: imprece, 2003.

CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. **Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos: produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2009.

_____. PONTE, Sebastião Rogério. **Padaria Espiritual: vários olhares.** Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. **Escrita da História.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DE DECCA, Edgar Salvadori. LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da história e literatura.** Campinas, Porto Alegre: Ed. Da Unicamp, Ed. Da Universidade-UFRGS, 2000.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FARGE, Arlette. **Lugares da História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FILHO, Martins (org.). **O Ceará,** 3ª Ed. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

GAY, Peter. **Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza.** 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1979.

_____. **Pequena História do Ceará.** 4ª ed. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções.** 23ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

_____. **A Era do Capital.** 13ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

_____. **A Era dos Impérios.** 12ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História.** Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2004.

MACFARLANE, Alan. **Cultura do Capitalismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. “Primeiro tempo modernista do Ceará: presença antropofágica”. In: OLIVEIRA, Irenísia Torres e SIMON, Iumna Maria (orgs.). **Modernidade e tradição na literatura brasileira: diversidades regionais.** São Paulo: Nankin, 2010.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. “Existe o Nordeste? (gênese de sua invenção como região)”. In: **Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará**, 2005.

MONTENEGRO, F. Abelardo. **Os Partidos Políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

NOBRE, F. Silva. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

NORBERT ELIAS. **O Processo Civilizador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1 v.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860 - 1930**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M.; FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos: ensaios de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, Simone de (org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

_____. NEVES, Frederico de Castro (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História & Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Política do Modernismo: contra os novos reformistas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.